



YAH

Felícia Teixeira e João Brojo

YAH apresenta-se através do lugar ageográfico da imagem, onde a publicação, as imagens que dela se extraem, as gravações, o arquivo acumulado, e o corpo expositivo indeterminado de onde pausam todas estas películas, é talvez o melhor dos recantos para nos posicionarmos, a saber, quando necessariamente habitamos o real.

YAH, enquanto corpo de palavras, atua como a própria exposição. Na sua justaposição, as palavras para dar a ler e não descrever, possibilitar e não confirmar, olhar e não concluir.

O resultado suprematista de muitas das imagens, seja nas pinturas, gravações, fotografias, impressões, compiladas em lugares de viagem, rotas, próximas e distantes, determinadas ou casuais, que viriam a estender-se do digital para a pintura, da forma para o desenho, da encenação para o implícito, todos estes fragmentos, não virão reclamar a iconoclastia do real, exaltam, por sua natureza, precisamente o espelho inverso dessa intenção.

Não são as formas que reduzem a representação do real, o real é já de si iconoclasta, supremático, é já de si possibilitador e irrepresentável. Só o representaremos se o real fosse por si algo sem espírito. As formas, os desenhos, as composições, os tempos e os movimentos, são películas de entre o olho e o espírito, de entre o olho de quem olha e o mundo em si. As formas e composições são essa fina membrana, os pontos de fuga desta trajetória.

As imagens mapeadas em YAH já não ocupam o Mira, nem a galeria é de si o lugar destas imagens. Mesmo que saibamos a natureza delas, que lhes associemos significados e identidades, que adivinhemos as marcas e bandeiras, os fragmentos de objetos, e tanto mais, é ainda pouco para fechar o ciclo da existência delas. Chamar-lhe-ia, a este sentimento da atração da imagem, perigosamente ciente de que a imagem é já ela uma atração de quem nos dá a ver.

Podemos também aqui perceber, por tais razões, dois importantes graus da prática da Felícia e do João. Por um lado, a cadência e o estímulo pelas partículas distintivas do real e por outro, a percepção da potência transformadora desse primeiro estímulo. Não existe persistência, maturação, construção, as imagens que aqui vemos e que compõem muita da sua prática artística proclamam essa mesma ardência do real e da imagem, um universo que existe em constante mutação e estimulação, transformação e peculiaridade.

Esse sentido, descontínuo da representação e da forma, é matizado também no próprio título e no chão da sala. Yah enquanto neologismo e palavra tout court para as dinâmicas preciosas da vida, é também uma palavra polisêmica, de sentidos vários e possibilidades infinitas de uso, tal como o green screen, um lugar indefinível, que é tudo e nada ao mesmo tempo, é tudo aquilo que quisermos dele tornar e como tal polissêmico na construção de imagens.

As imagens são também elas o green screen em que habitam, potenciais, próximas na distância do seu significado e estimulantes pelo seu vertiginoso estado de falência.

Por isso o mundo ascético é o que dele desejamos, tal qual o é, o desejo de sabermos que estas formas são mais do que aquilo que achamos já saber. Todas as formas criadas são matérias fantasmagóricas da sua própria realidade, um green screen do mundo, tal como essa tela verde o mesmo lugar do olho que Ponty (2) nos falava: a distância de ser tudo aquilo de que sabemos ao certo não ser, mas que, por completo, nos são ainda mais vitais.

João Terras

Setembro 2020

⁽²⁾ O olho e o espírito (1960) de Merleau-Ponty, aqui, pela cadência que o filósofo francês talhou sobre o olho e a imagem após do pintor. Ampliação do sentido do que vemos e do que representamos.



Direção | Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção artística | José Maia

Curadora | José Maia e João Terras

Texto crítico | João Terras

Assistente de Galeria | Patrícia Barbosa e Vânia Cardoso